

**ENTRE FOGO E ÁGUA:
o erotismo em Rita Baiana**

Mirian Santos de Cerqueira*

Resumo: Este artigo pretende analisar a manifestação do erotismo na personagem Rita Baiana do romance naturalista *O cortiço*, de Aluísio Azevedo. Para isso, adota o quadro teórico desenvolvido por Georges Bataille e Francesco Alberoni. No presente estudo, é estabelecida uma comparação entre Rita Baiana e as Ninfas, personagens da Mitologia Grega. Para concluir, defende-se a idéia de que o erotismo relacionado à Rita Baiana é descontínuo.

Palavras-chave: Erotismo; Sexualidade; Realismo-naturalismo.

Abstract: This paper aims to analyze the manifestation of eroticism in the character Rita Baiana of the naturalist novel *O cortiço*, by Aluísio Azevedo. For that, it adopts the framework developed by Georges Bataille and Francesco Alberoni. In this research, is established a comparison between Rita Baiana and Nymphs, characters of Greek Mythology. In conclusion, it adopted the idea that the eroticism related to Rita Baiana is discontinuous.

Key-words: Eroticism; Sexuality; Realism-naturalism.

Introdução

O presente artigo tem como principal objetivo descrever e analisar a manifestação do erotismo na construção da personagem Rita Baiana do romance realista-naturalista *O cortiço*, de Aluísio Azevedo. Para tanto, lança mão dos pressupostos teóricos de estudiosos como George Bataille, Francesco Alberoni, dentre outros, cujos estudos centram-se na caracterização do Erotismo.

No decorrer de todo o estudo, será observada a influência que a personagem Rita Baiana exerce sobre a vida das personagens que a cercam, principalmente sobre as personagens masculinas, como é o caso de seus amantes, Firmo e Jerônimo. Será analisada, também, dentro de um âmbito mitológico, a relação da personagem Rita Baiana com os elementos “fogo” e “água”, bem como a semelhança que a referida personagem guarda com as Ninfas, personagens da Mitologia Grega.

A escolha da temática em questão deu-se pelo fato de que a personagem em estudo, Rita Baiana, é dotada de uma intensa sensualidade, que se manifesta de forma singular, o que permite constatar que o seu caráter, os seus gestos e sua maneira de viver se figuram em torno

• Professora adjunta do Curso de Letras da Universidade Federal de Goiás.

de um erotismo aguçado. Tudo isso leva a ideia de que, sob esse aspecto, Rita é o foco centralizador da obra em estudo, não havendo outra personagem em que o erotismo seja tão vivo, presente em todos os aspectos de sua vida, permitindo assim a realização desse tipo de leitura.

Assim sendo, o presente artigo se organiza, além dessa introdução e das considerações finais, nas seguintes seções: 2. O erotismo em Rita Baiana; 2.1. Rita Baiana e seus amantes: *descontinuidade* erótica; 2.2. A dança como prelúdio erótico-amoroso; e 2.3. Rita Baiana e as Ninfas: a presença do elemento água.

1. O erotismo em Rita Baiana

Antes de dar início a análise da temática propriamente dita, faz-se necessário conhecer o que vem a ser o erotismo, suas dimensões e suas implicações quando projetadas em algo ou em algum indivíduo. Inicialmente, é importante frisar que a delimitação de tal fenômeno¹ não se dá de forma tão simples. Segundo Durigan (1986, p. 8), “o erotismo não imita a sexualidade, ele é sua metáfora. O texto erótico é a representação textual dessa metáfora”.

Nessa linha de raciocínio, é importante destacar os estudos de Georges Bataille (1987), o qual faz a distinção entre dois tipos de erotismo: o masculino e o feminino. O primeiro, segundo o autor, relaciona-se ao aspecto da *descontinuidade* erótica, isto é, está voltado apenas para o prazer sexual imediato e ocorre, preferencialmente, nos homens, uma vez que esses, em sua maioria, não associam obrigatoriamente a relação sexual aos sentimentos. Já no segundo, tem-se o aspecto aguçado da *continuidade* erótica, ou seja, há uma tentativa de unir o ato sexual à esfera dos sentimentos, e se manifesta, primordialmente, nas mulheres, pois elas, geralmente, buscam uma relação duradoura, associando a relação sexual com um futuro compromisso com o seu parceiro.

Vale salientar também que a noção de *continuidade* para Bataille diz respeito ao fato de todo ser humano, constantemente, viver a procura de algo que o complete, em todas as instâncias de seu ser, algo que o faça se sentir seguro, até mesmo de sua própria existência, tornando-o forte e auto afirmado. É como se cada ser estivesse em busca de algo muito precioso, o qual havia perdido, é uma espécie de busca pelo “elo perdido”.

¹ O termo *erotismo* é muitas vezes confundido com o termo *pornografia*, recebendo, assim, uma conotação pejorativa. A esse respeito, consultar as obras de Franconi (1997), Alberoni (1988), Bataille (1987), dentre outros.

A busca por essa *continuidade* já era vislumbrada por Platão. Em sua obra *O banquete*, pode-se verificar o sentido de tal necessidade, a qual aparece expressa na fala da personagem Aristófanes, conforme se verifica no trecho abaixo:

antes do surgimento de Eros, a humanidade se compunha de três sexos: o masculino, o feminino e o andrógênio. Esses eram redondos e possuíam quatro mãos, quatro pernas, duas faces, dois genitais, quatro orelhas e uma cabeça. Esses seres, por sua própria natureza, se tornaram muito poderosos e resolveram desafiar os deuses, sendo por isso castigados por Zeus, que decidiu cortá-los em duas partes. Assim eles ficariam fracos e úteis, porque seriam mais numerosos para servirem aos deuses.” (BRANCO, 1987, p. 9).

A contextualização acima apresentada é relevante para se ter o conhecimento da origem mitológica de Eros², isto é, para que se possa compreender a busca da continuidade erótica, da completude que todo o ser humano almeja, pois todos nós temos a necessidade de buscar a parte que “nos foi tirada”, em outras palavras, cada um busca completar-se a si mesmo, daí o caráter contínuo do erotismo.

Branco (1987) lembra que isso também foi visto por Freud, que definiu o impulso erótico como o “desejo de união (ser um) com os objetos do mundo”. Tal fato leva a compreensão de que a continuidade erótica é algo intrínseco à vida de todo e qualquer ser humano. É importante saber também que o erotismo não se limita apenas à instância sexual. Segundo Bataille, o erotismo abrange três esferas distintas: (i) *o erotismo dos corpos*; (ii) *o erotismo dos corações* e (iii) *o erotismo sagrado*.

Partindo para uma esfera que se voltará primordialmente para a relação a dois, faz-se necessário entender o que torna o erotismo humano diferente da sexualidade animal, visto que o homem é o único que tem consciência de sua atividade erótica, diferenciando-se, portanto, dos outros animais, que a realizam apenas instintivamente. E é nessa esfera que se torna relevante tomar conhecimento de como esse processo de relação erótico-amorosa se desenvolve, e descobrir toda a “mística” que a envolve, isto é, o *enamoramento*. Segundo Francesco Alberoni (1986, p. 23):

O enamoramento não é um fenômeno cotidiano, uma sublimação da sexualidade ou um capricho da imaginação. (...) É um fenômeno que pode ser incluído dentro de uma classe já bem conhecida – a dos fenômenos coletivos. (...) ainda que seja um fenômeno coletivo, só acontece entre duas pessoas.

² Segundo Guimarães (1972, p. 140) “Eros – Deus do Amor, é uma força fundamental do mundo. É considerado um deus nascido ao mesmo tempo que a Terra, saído diretamente do Caos primitivo, ou ainda nascido do ovo primordial, engendrado pela Noite. Ele assegura não só a continuação da vida, mas a coesão interna dos elementos. Tradições mais recentes dão-no como filho de Afrodite, mas não se sabe quem é o pai. Representam-no como um menino alado, nu, levando o arco e o carcaz cheio de flechas, com as quais fere de amor os corações, seja dos homens, seja dos deuses (...)”

No enamoramento, toda a erotização por parte dos amantes se dá com vistas a um objetivo maior, que é buscar a essência do outro. Beijos, abraços, carícias entre outras ações, são prenúncios de algo maior, inexplicável e que conduz o ser amante a busca incansável pelo ser amado.

Tomando o ponto de vista de Bataille acerca da *continuidade* versus *descontinuidade-erótica*, irei fazer uma análise da personagem Rita Baiana, tendo em vista ser ela uma das mais importantes personagens femininas do romance *O cortiço*, de Aluísio Azevedo. Ela envolve a todos, desde os amantes até suas amigas e vizinhas, de forma sinuosa, assemelhando-se metaforicamente a uma serpente. Sua chegada ao cortiço vem mexer com a vida de todos, pois ela é uma mulher por quem todos têm algum tipo de fascínio. É como se sua presença viesse dar mais vitalidade àquele ambiente cercado de mazelas sociais e também de muita luxúria. Mulata tipicamente brasileira, Rita Baiana apresenta formas perfeitas, coxas rijas, largo quadril, cabelos crespos, reluzentes, dentes claros e brilhantes. Ela esbanja alegria e voluptuosidade, seu rebolado faz os homens estremecerem e sentirem imenso desejo de possuí-la, de fazê-la sua amante, sua fêmea. As mulheres a respeitam e nutrem por ela certa amizade (e até mesmo inveja), apesar de muitas sentirem-se enciumadas e até diminuídas com a sua presença. Tal fato pode ser ilustrado com a sua chegada ao Cortiço:

Rita havia parado no meio do pátio.
Cercavam-na homens, mulheres e crianças; todos queriam novas dela.
Irrequieta, saracoteando o atrevido e rijo quadril baiano, respondia para a direita e para a esquerda, pondo à mostra um fio de dentes claros e brilhantes que enriqueciam a sua fisionomia com um realce fascinador. Acudiu quase todo o cortiço para recebê-la. Choveram abraços e as chuvas de bom acolhimento. (AZEVEDO, 1981, p. 45).

Rita também tem vida humilde como os demais moradores do cortiço; é lavanderia como a maioria das mulheres que lá vivem, mas, apesar disso, é diferente delas. Personalidade forte, ela não se deixa vencer pelas dificuldades de sua vida, ao contrário, está sempre procurando um motivo para festejar, convidar os amigos e, juntos, beberem e dançarem até a mais absoluta exaustão.

Rita possui um *fogo* que se apresenta numa mistura de erotismo e sensualidade. Seu poder de sedução e fascínio são indiscutíveis e, ao mesmo tempo, antagônicos: ao passo que queima sem piedade a face de todo aquele que pode alcançar, traz uma sensação de prazer e de contemplação. É por tal antagonismo que parece se mostrar tão vital para a vida dos que a rodeiam. Segundo Gaston Bachelard (1989):

o fogo é ultrativo. O fogo é íntimo e universal (...) Entre todos os fenômenos, é ele realmente o único que pode aceitar as duas valorações opostas: o bem e o mal. Brilha no Paraíso. Arde no inferno. É uma doçura e tortura.

Isto posto, percebe-se que o aspecto do fogo com o qual me refiro à Rita Baiana está no âmbito da efemeridade, da transitoriedade e do caráter destrutivo das coisas, o qual arrebatava todos quanto a cercam.

Um elemento que se contrapõe ao *fogo* e é marcante na vida de Rita Baiana é o elemento *água*, pois, por ser lavadeira, ela apresenta uma estreita e importante relação com esse elemento. Este, por sua vez, torna-se importante numa esfera mitológica, visto que a água também está associada à vida das ninfas.

É plausível argumentar que o erotismo de Rita Baiana também está intrinsecamente relacionado aos seus odores. Os homens que a rodeiam são seduzidos pelo seu cheiro, por sua beleza, pelo seu ritmo contagioso. Seu odor transfigura-se numa atmosfera de constante desejo por parte dos homens que a cercam. Rita Baiana lembra-nos a astúcia de Eva, personagem bíblica que engana seu companheiro para que, juntos, possam desfrutar do mesmo gozo, do mesmo pecado, ou seja, convence o seu companheiro Adão a comer do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, o qual Deus os havia proibido de comer. Rita é tão astuta que podemos compará-la a um animal selvagem que busca incansavelmente por uma presa, por um elemento que sacie sua fome.

Um outro aspecto marcante na personagem em estudo é a *libido*, que naturalmente está presente em sua vida; é como se os desejos transbordassem incessantemente, tamanha é a sua busca pelo prazer sexual imediato e efêmero, o que parece revelar, mais uma vez, o caráter *descontínuo* de seu erotismo.

1.1 Rita Baiana e seus amantes: *descontinuidade* erótico-amorosa

Rita Baiana envolve-se com Firmo numa relação que vai desde as discussões ao mais profundo prazer sexual. Firmo se assemelha bastante à Rita com relação ao seu modo de viver e agir. É um capoeirista apaixonado por pagode. Assim como a mulata, não dispensa uma boa farra. Quando se juntam, há um só ritmo, ardente e desconcertante, como pode ser verificado a partir do trecho que segue:

...Ele tinha 'paixa' pela Rita, e ela apesar de volúvel como toda a mestiça, não podia esquecê-lo por uma vez; metia-se com outros, é certo, de quando em quando, e o Firmo então pintava o caneco, dava por paus e por pedras, (...) e ferravam-se, de

novo cada vez mais ardentes, como se aquelas turras constantes reforçassem o combustível dos seus amores. (AZEVEDO, 1981, p. 49).

O trecho anteriormente citado, ao passo que nos permite revelar a volubilidade de Rita, deixa entrever que o seu erotismo está mais voltado para a descontinuidade, para a efemeridade do gozo e dos desejos libidinosos, pois tanto Rita como Firmo buscam apenas a satisfação do prazer imediato. Ela não sente amor por Firmo, exigindo-lhe apenas a realização plena do prazer sexual, não buscando, assim, construir uma relação tipicamente segura, em busca da continuidade erótico-amorosa, como é próprio de quem ama, a exemplo do que ocorre prototipicamente com o erotismo feminino, o qual, segundo Bataille, está mais voltado para uma esfera contínua, configurando-se numa relação sólida na qual a mulher busca no homem amado a segurança e a estabilidade emocional de que precisa.

Diferentemente de tal perspectiva, Rita Baiana não quer se sentir presa, “escrava” de um homem, quer ser livre para realizar seus desejos, não admitindo por isso a ideia de se sentir unida pelo casamento: “...Casar? Protestou a Rita. Nessa não cai a filha de meu pai! Casar? Livra! Para quê? Para arranjar cativo? Um marido é pior que o diabo; pensa logo que a gente é escrava!...” (AZEVEDO, 1981, p. 46).

Pode-se associar a repugnância de Rita pelo casamento ao fato de que ele está ligado ao ideal de união e fidelidade ritualizados e consagrados pelo discurso religioso cristão, como também à rotina vivenciada por Rita. Compromisso legitimado pela igreja e pela sociedade, o casamento, assim como qualquer outra instituição que possui e impõe sua ideologia, requer dos cônjuges fidelidade, respeito, procriação da espécie, dentre outras normas e ritos. Como bem lembra Franconi (1997, p. 71), “A sociedade, para garantir a posse do controle, cria leis e dogmas em nome do Direito e da Religião, reprime o erotismo em nome do Amor e reduz a liberdade de escolha da expressão sexual, salientando a ‘indiscutível’ importância da família” (FRANCONI, 1997, p. 71).

Tudo isso termina por difundir no casal a obediência a tais “leis”, ou seja, tanto a mulher quanto o homem devem manter-se fiéis um ao outro, o que implica que eles terão de conviver unicamente num mundo a dois, em que seus desejos não deverão ser saciados através de uma relação extraconjugal, resultando, portanto, que a relação sexual não poderá atingir outras esferas, ficando limitada, dessa forma, à rotina, gerando uma *sexualidade comum*. Conforme argumenta Franconi (1997, p. 111):

...o matrimônio é uma instituição e, como tal, está sujeito à prescrição de regras que devem ser seguidas e obedecidas. Há uma mútua vigilância no casamento, no sentido de uma constante observação dos deveres e dos direitos de cada um, de

forma que o não cumprimento de uns e a desobediência aos outros levam, conseqüentemente, à ação de punir, nas suas mais diversas manifestações.

Ao contrário de tudo isso, Rita Baiana busca a *sexualidade extraordinária*, o inusitado, pois, segundo Alberoni, em sua obra *Enamoramento e amor*, há dois tipos de sexualidade: uma que se realiza no âmbito do cotidiano, principalmente através da união matrimonial, a chamada *sexualidade comum*, e a outra que se dá na esfera não conjugal, denominada de *sexualidade extraordinária*. Rita almeja desfrutar dos desejos sexuais sem, com isso, tornar-se um mero objeto de prazer de seu amante, pois, contrariamente a isso, ela é quem deseja enlaçar, dominar e aprisionar seu parceiro por meio do jogo erótico.

Por fim, a relação de Rita com Firmo não dura muito, visto que era alicerçada apenas na relação sexual, uma vez que Rita não o amava, servindo-se deste apenas pelo prazer sexual proporcionado. Apesar disso, ela não termina sua relação com Firmo, alimentando-a ao mesmo tempo em que se interessa por Jerônimo, gerando assim um triângulo amoroso, fazendo com que seus amantes a disputem como um troféu. Rita quer que seus amantes reduzam-se a sangue, à disputa, à degradação profunda e, até mesmo, à morte.

Jerônimo, homem responsável, trabalhador, esposo e pai dedicado, apresenta uma vida exemplar aos olhos dos demais moradores daquele ambiente degadante e luxurioso. De origem portuguesa, ele tem profundo orgulho de cantar as músicas de sua terra, nos momentos de lazer, junto com sua esposa, Piedade, também portuguesa. No entanto, ao conhecer a mulata Rita Baiana, percorre-lhe um sopro quente de grande desejo de possuí-la: Jerônimo vê-se a ela assujeitado e sem forças; suas atitudes começam a sofrer profunda degradação à medida que vai se enamorando da Mulata.

Isso se dá de forma tão devastadora e repentina que Jerônimo passa a sofrer uma espécie de metamorfose em todas as esferas de sua vida. É o fogo ardente e inefável dessa paixão que o absorve abrupta e completamente. Tudo começa quando Jerônimo e Piedade, sentados à porta de casa, descansando como de costume e lembrando-se da pátria, assistem a uma das costumeiras festas que Rita Baiana organizava com seus amigos e vizinhos, daqueles que iam até o raiar do dia seguinte.

Jerônimo, vendo-a dançar, sente-se extasiado e embevecido pelos movimentos sensuais e sinuosos de sua dança, de seu ritmo, levando-o a desejá-la avidamente. Ele já não conseguia se conter, pois tudo aquilo era demais para ele; eram sensações as quais ele jamais havia sentido. Ele não podia resistir a interpelação daquele enamoramento, pois, segundo Alberoni (1988, p. 34):

o enamoramento é algo que acontece no indivíduo, é uma mudança de estado do indivíduo. O objeto amado pode não entrar em nada, não saber absolutamente nada do que está acontecendo. No enamoramento, a reciprocidade, no início, não existe e pode continuar a não existir depois. Podemos permancecer enamorados de uma pessoa que jamais nos dedicou um olhar.

Embora Rita Baiana não soubesse, Jerônimo extasiara-se, tornando-se completamente submisso aos seus encantos, cheiros, personalidade, enfim, a sua presença:

...ninguém como a Rita; só ela, só aquele demônio, tinha o mágico segredo daqueles movimentos de cobra amaldiçoada; aqueles requebros que não podiam ser sem o cheiro que a mulata soltava de si sem aquela voz doce, quebrada, harmoniosa, arrogante, meiga e suplicante.

E Jerônimo via e escutava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui. (AZEVEDO, 1981, p. 57).

Com a citação do excerto acima, pode-se verificar também a comparação de Rita a uma cobra, pois, além dos movimentos, ela traz consigo um artifício poderoso e destrutível, o veneno, que aparece simbolizado pela metáfora da voz, esta, por sua vez, “doce, quebrada, harmoniosa e arrogante, meiga e suplicante”. Rita é tão contagiante que, por onde quer que ela passe, deixa uma atmosfera de enebriante sensualidade, de desejo e, ao mesmo tempo, mistério, uma vez que seus desejos erótico-amorosos não são descobertos por seus amantes; ela apenas permite a realização sexual, independente de vínculo amoroso que possa vir a surgir. Contrariamente ao que ocorre com a maioria das mulheres, principalmente as de sua época, ela não quer se apaixonar, deixar que o outro a descubra, a interprete e a subjulgue. Ela, ao mesmo tempo que é envolvente, não se deixa envolver. Será sempre a detentora de seus sentimentos, desejo e contemplação, jamais a submissa.

Rita é possuidora do combustível e do fogo que queimam os corpos que lhe suplicam prazer. É a fonte dos desejos e o meio para atingir tais fins. É por isso que, diante da força implacável de tal combustível, Jerônimo vai perdendo suas forças e vendo ser abaladas sua postura moral e psicológica, bem como seu *status* social. Isso pode ser comprovado a partir da observação de seu estado físico e psicológico ao presenciar Rita Baiana dançando. Tal é o fascínio que Jerônimo é simplesmente tomado por uma espécie de febre que, poderíamos dizer, foi causada pelo impacto sofrido ao conhecer a Mulata. A febre metaforiza assim um tipo de “feitiço” de que foi tomado Jerônimo. É o início da paixão que passa a sentir por Rita Baiana, a qual pode ser associada, pela própria etimologia da palavra, ao significado de doença: *pathos*, *patologia*. Conforme defende Bataille (1987, p. 20): “se a união de dois

amantes é o efeito da paixão, ela invoca a morte, o desejo de matar ou o suicídio. O que caracteriza a paixão é um halo de morte”³.

Jerônimo abre mão de seus sonhos em troca do amor de Rita Baiana e, em meio ao processo de degradação que vai sofrendo, vai metamorfosicamente abasileirando-se:

O português abasileirou-se para sempre; fez-se preguiçoso, amigo das extravagâncias e dos abusos, luxurioso e ciumento; fora-se-lhe de vez o espírito da economia e da ordem; perdeu a esperança de enriquecer, e deu-se todo, todo inteiro, à felicidade de possuir a mulata e ser possuído por ela, só ela; e mais ninguém. (AZEVEDO, 1981, p. 135-136).

Verifica-se a partir do exposto acima que a idéia de brasilidade está associada a algo pejorativo por parte do imaginário realista-naturalista, sendo relacionada a algo degradante, se comparada à origem de Jerônimo, seus costumes e tradições. É em consequência dessa metamorfose desenfreada que Jerônimo distancia-se cada vez mais de sua identidade de homem lusitano, desistindo dos objetivos que o levaram junto com a família a vir morar no Brasil. Ao contrário de determinação e afincamento com relação ao trabalho, Jerônimo canaliza toda a sua energia vital para a atividade erótica, razão pela qual sua virilidade vai se tornando cada vez mais intensificada. Essa nova postura que Jerônimo assume diante da vida pode ser ilustrada pelo pensamento de Bataille (1987, p. 64) do seguinte modo:

Os homens são em um mesmo tempo submetidos a dois movimentos: o terror, que intimida, e a atração, que comanda o respeito fascinado. O interdito e a transgressão respondem a esses dois movimentos contraditórios: o interdito intimida, mas a fascinação introduz a transgressão.

A manifestação plena da mudança pela qual passa Jerônimo é deflagrada pela luta sangrenta que ele trava com o capoeirista Firmo, amante de Rita Baiana. Desse conflito, Jerônimo sai ferido com uma navalhada. A partir daí, dá-se início a uma disputa entre os dois, a qual se finda quando Jerônimo manda matar seu oponente. Percebe-se, mais uma vez, a presença do enamoramento de Jerônimo, levando à separação do que antes era uno (Rita e Firmo) e a união de algo que estava dividido (Jerônimo e Rita).

Paralelamente ao enamoramento de Jerônimo por Rita Baiana, dá-se um processo de anulação completa do sentimento que antes nutria por sua esposa Piedade. Agora, ele passa a concebê-la com desdém e total indiferença, uma vez que Piedade é o oposto de Rita em todos os aspectos. Assim como Jerônimo disputa o amor de Rita por Firmo, Piedade disputa o de Jerônimo com Rita, o que as leva à agressão física, culminando assim na união de Jerônimo à Rita.

³ Bataille (1987, p. 39) lembra também que “o movimento de amor, levado ao extremo, é um movimento de morte”.

Construído, novamente, um ambiente erótico-amoroso na vida de Rita e Jerônimo, seu fim não dura muito tempo, até que Rita ameça se separar dele. Por tudo isso, os amantes vão perdendo o encantamento que até então os fazia desejarem-se um ao outro. Tem-se, assim, a presença de um círculo vicioso, em que a problemática das relações anteriores vem à baila, levando Rita e Jerônimo a sentirem gradativamente o peso do cotidiano da relação amorosa, a qual passa a se enfraquecer, culminando em uma *sexualidade comum*, a qual Rita jamais suportaria, já que sua busca é pela descontinuidade erótico-amorosa, qual seja, a *sexualidade extraordinária*.

Enfim, Rita não iria se prender a uma vida de rotina, permitindo que o outro viesse a exercer qualquer dominação sobre sua vida, como, geralmente, acontece com as mulheres numa sociedade guiada por valores patriarcais e falocráticos. Rita simboliza, desse modo, o extraordinário que escapa aos domínios viscerais de uma conquista erótico-amorosa. Tão astuta é a sua personalidade que jamais se deixa apaixonar completamente. Seus amantes são apenas objetos de satisfação erótica para que ela possa alcançar a plenitude da satisfação sexual, sendo, por isso, a metáfora do erotismo *descontínuo*.

1.2. A dança como prelúdio erótico-amoroso

A dança de Rita Baiana é um elemento marcante e característico de sua personalidade; não podemos dissociá-las jamais, pois é através da dança que Rita explora ainda mais toda a sua sensualidade, uma vez que todos que a cercam se voltam para ela e são naturalmente envolvidos e seduzidos pelos seus movimentos, pelos seus requebros. Pode-se dizer que o gingado quente e frenético de sua dança é um prelúdio de todo o seu jogo erótico-amoroso. Rita é ritmo contagioso, é ímpar e consegue reunir graça, beleza e sensualidade. É como se a cada dança, a cada passo ou movimento, ela estivesse preparando um poderoso artifício para conseguir apossar-se de seu objeto de desejo, que, envolvido, aos poucos, vai perdendo as forças, dando lugar a um fascínio e a uma entrega que, gradativamente, se torna irresistível, como acontece com Jerônimo, que se vê fascinado e enfeitiçado pela mulata:

Jerônimo levantou-se, quase que maquinalmente, (...). E viu Rita Baiana, que fora trocar o vestido por uma saia, surgir de ombros e braços nus, para dançar. (...) Ela saltou em meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como uma sofreguidão de gozo carnal num requebrado luxurioso que a punha ofegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços estendidos, a tremer toda,

como se fosse afundando num prazer grosso que nem azeite, em que se não toma pé e nunca se encontra fundo. (AZEVEDO, 1981, p. 56).

Como se pode perceber, seus movimentos são “persuasivos”, funcionando como uma espécie de linguagem, carregada de uma inequívoca sensualidade, tornando-se quase impossível a recusa dos homens em relação a tão explícito desejo, ou seja, o de não sentirem a chama de seu corpo voluptuoso queimar-lhes a alma e todas as faculdades mentais.

1.3 Rita Baiana e as Ninfas: a presença do elemento água

Ao analisar a personagem em estudo, pode-se perceber que ela possui uma grande semelhança com as ninfas⁴, jovens mulheres da Mitologia Grega que povoam o campo, os bosques e as águas. Dentre as inúmeras características que se pode perceber entre tais divindades e a personagem Rita Baiana aquela que parece se destacar é a presença do elemento água em suas vidas, pois assim como as ninfas, que, em sua maioria, vivem em contato com a água, Rita é lavadeira, assim como a maioria das personagens de *O cortiço*, e, dessa forma, a água é algo constante em sua vida. Um outro aspecto que permite sustentar tal hipótese é o fato de que, assim como as ninfas, Rita Baiana possui um marcante traço de sensualidade e erotismo, os quais se transformam, conseqüentemente, em poder sobre as demais personagens. Da mesma maneira que as ninfas *Aias de Cirze*, que encantavam os homens com sua feitiçaria, vingando-se deles quando não correspondidas, Rita Baiana faz uso de seus artifícios para conquistar, subjulgar e se vingar de seus amantes.

À semelhança do que ocorre no habitat da maioria das ninfas, no qual se verifica a presença do elemento água, na vida de Rita Baiana há não só a presença da água, mas também a infinidade de desejos que jamais cessam ou se diluem, o que a conduz, conseqüentemente, a uma busca e um retorno insaciável pela satisfação do prazer sexual imediato.

Rita acaba por difundir um misto de beleza e sensualidade (que, se pode dizer, beira a luxúria) intensas sobre a vida de seus amantes, tornando-os extremamente excitados, como que insaciáveis, de modo a não serem capazes de conseguir controlar seus desejos mais

⁴ Na época homérica, passam por filhas de Zeus. São consideradas como divindades secundárias, a quem se dirigem orações e que podem ser temíveis. Habitam grutas onde passam a vida a fiar e a cantar. São frequentemente as acompanhantes de uma grande divindade (designadamente Ártemis) ou de uma entre eleas, de nível superior. É o caso das ninfas aias de Calipso ou de Circe.

Muitas vezes, encontramos-las como mulheres de um herói epônimo de uma cidade ou de um país (...). Intervêm também frequentemente nos mitos do amor (...). Os seus amantes mais vulgares são os espíritos masculinos da natureza: Pã, os Sábios, Priapo, etc. GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. (Trad. De Victor Jabuille). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

primários, como é o caso da ereção. Tal fato pode ser evidenciado com Jerônimo, que, ao sentir-se excitado por ela, se assemelha ao personagem mitológico *Priapo*⁵, o qual representa a ereção desenfrada nos homens. Jerônimo deixa entrever, assim, seu lado mais instintivo e primário, configurando-se metaforicamente em um estrito animal.

2. Considerações finais

No decorrer de todo o estudo, procurei demonstrar alguns aspectos do erotismo presentes na personagem azevediana Rita Baiana. Com o suporte de alguns estudiosos do erotismo, pude perceber que o erotismo da personagem em estudo se dá em torno de uma *descontinuidade* erótico-amorosa, ou seja, Rita Baiana é uma personagem em que o prazer sexual se dá no âmbito da *sexualidade extraordinária*, o que a torna completamente singular sob esse aspecto, pois, ao contrário da maioria das mulheres, que buscam a continuidade, Rita é volúvel e efêmera, não se prendendo facilmente a nenhuma relação amorosa que implique apego excessivo e anulação de si mesma. Ela representa a mulher emancipada sexualmente, sendo capaz de conhecer seu corpo, suas potencialidades e buscar primordialmente a satisfação sexual em detrimento de uma relação sólida que esteja ligada ao amor e à procriação da espécie por intermédio da sacralização do matrimônio.

Durante todo o estudo, pude perceber também que o erotismo de Rita Baiana pode ser visto também sob a perspectiva da mitologia, como é o caso dos elementos fogo e água, sendo este último uma metáfora associada a presença das Ninfas. Assim, o erotismo de Rita Baiana apresenta-se sob dois pólos: o fogo, que simboliza o seu caráter efêmero e devastador, e a água, que representa a eternização do gozo e dos desejos sexuais. De forma diferente, mas não contraditória, Rita se apresenta sob o signo do inusitado, do extraordinário e, por isso, torna-se tão difícil adentrarmos mais profundamente em suas instâncias e descobrirmos o que há de mais complexo na constituição de sua eroticidade.

⁵ Segundo Guimarães (1972, p. 264), “Priapo – divindade da cidade asiática de Lâmpsaco, pertencia ao cortejo de Dionísio. Passava por filho desse último e de Afrodite, deusa do amor. Conta-se que Hera, ciumenta dos amores de Afrodite, fizera nascer Priapo tão disforme, que a própria mãe o abandonou nos campos, onde foi encontrado e criado por pastores. Representavam-no sob forma fálica e o seu simulacro era posto como guarda dos vinhedos, dos jardins e dos pomares. Seu atributo essencial consistia em expulsar o mau olhado e tornar vãos os malefícios dos invejosos. Tornou-se em breve um símbolo da fecundidade. À semelhança de Sileno era representado em companhia de um burro, o que se explica pela seguinte lenda: Priapo se apaixonou pela ninfa Lótis em, durante a noite, procurou surpreendê-la. Quando estava quase conseguindo os seus fins, pôs-se a zurrar o anso de Sileno, então Lótis e todas as bacantes despertaram”.

Referências bibliográficas

ALBERONI, Francesco. *Enamoramento e amor*. (trad. de Ary Gonzalez Galvão). Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

ALBERONI, Francesco. *O erotismo*. (trad. de Élia Edel). Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 10. ed. São Paulo: Ática, 1981.

BACHELARD, Gaston. *A psicanálise do fogo*. Lisboa: Litoral edições, 1989.

BATAILLE, Gaston. *O erotismo*. (Trad. de Antonio Carlos Viana). Porto Alegre: L&PM, 1987.

BRANCO, Lúcia Castello. *O que é erotismo*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DURIGAN, Jesus Antônio. *Erotismo e literatura*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

FRANCONI, Rodolfo A. *Erotismo e poder na ficção brasileira contemporânea*. São Paulo: ANNABLUME, 1997.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. (Trad. de Victor Jabuille). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

GUIMARÃES, Ruth. *Dicionário da mitologia grega*. São Paulo: Cultrix, 1972.